

**Profa. Dra. Maria Lourdes Motter**

**ECA\USP**

***O Fim do Mundo: ordem e ruptura***

Nosso trabalho objetiva discutir o cotidiano na série televisiva *O Fim do Mundo*, de Dias Gomes, exibida pela TV Globo no horário das 20h40, no período de 12 de maio a 20 de junho de 1996, do ponto de vista de sua construção, ruptura e reconstrução e estabelecer relações entre ficção e realidade, no universo ficcional e na interação deste com a realidade concreta.

## **PREÂMBULO**

A ficção televisiva participa do nosso cotidiano sob a forma de lazer. Uma dessas formas, sob a denominação geral de ficção seriada, realiza-se de modo especial nas séries brasileiras e tem, no formato folhetinesco de longa duração, ou seja, na telenovela, sua galinha dos ovos de ouro. Movimentando astronômicas verbas de publicidade e atingindo os maiores índices de audiência dentro da programação das emissoras, insere-se no momento de descanso das pessoas que, por gosto ou simples inércia, deixam-se envolver nas tramas que as afastam momentaneamente das aflições do seu dia-a-dia, inclusive das que lhes acabaram de chegar do mundo pelo telejornal. Evidencia-se desse modo um espaço delimitado, que vai das 19 às 22 horas., onde telejornal e telenovela se alternam atendendo ou procurando atender as necessidades de informação e entretenimento do cidadão comum no mundo contemporâneo.

A vida moderna com seus avanços tecnológicos vai bloqueando aceleradamente as vias de acesso aos lazeres e à cultura tradicional: o cinema, sob a forma de vídeo, vem à nossa casa, como vem a pizza, o supermercado, as telecompras. As possibilidades ampliadas de comunicação, por fax, ou pela Internet trazem entre tantas outras coisas as bibliotecas e museus do mundo para a tela do nosso computador doméstico. Essa tendência aprisiona gradual e celeremente as pessoas em casa. Restrita a um pequeno

segmento social nos primeiros momentos, estende-se, devendo avançar para camadas mais amplas da população e se espalhar progressivamente.

A TV e, em larga medida, o vídeo, já constituem formas hegemônicas dessa tendência. Contudo, situados no presente, num país caracterizado pela extensão territorial e diversidade cultural, dividido em três faixas de desenvolvimento, convivemos com mundos diversos dentro do próprio país, estado, cidade, bairro. Coexistem sofisticação e miséria, em meio a um segmento sócio-econômico médio que tem seu tempo obrigatório (trabalho) e seu tempo imposto (ida e volta para o trabalho) expandido a ponto de, nos grandes centros urbanos (principalmente, porque temos que lembrar os grandes deslocamentos dos bóias-frias, dos trabalhadores que vivem em cidades dormitórios, por exemplo) avançar sobre o tempo de lazer e sobre o tempo de descanso. Em muitos casos, o sentar-se diante da TV é apenas o intervalo entre o trabalho e o sono. Para as emissoras, este é o horário nobre. Aí estão inseridos os telejornais e as telenovelas: a informação e o entretenimento.

Esse preâmbulo nos introduz no cotidiano de modo apenas alusivo. Essa expansão do tempo se impõe aos diferentes segmentos sociais e a uma enorme gama de categorias profissionais. Certas categorias vivem essa expansão do tempo obrigatório e sobretudo do tempo imposto, com um pouco mais de conforto (melhor ambiente de trabalho, possibilidade de complementá-lo em casa, no caso do primeiro; percurso de grandes distâncias e enfrentamento de grandes congestionamentos de trânsito no próprio carro, no caso do segundo, e ainda uma maior liberdade com relação à distribuição dos compromissos de trabalho nas vinte e quatro horas do dia), o que não significa estar fora desses controles temporais e da pressão que eles exercem sobre os indivíduos.

Também os meios de comunicação, e a TV em particular, exercem o controle do nosso tempo com a imposição de hábitos de audiência e passam a reger nossos horários de modo a que estejamos a sua disposição quando ela exhibe os programas que (se) moldaram nosso gosto ou necessidade. Assim, nosso tempo dito “livre” se organiza do exterior tendo há muito deixado de ser livre.

O emprego do tempo é uma das marcas mais evidentes da vida cotidiana moderna, visto ser a categoria que reflete mais intensamente as mudanças sociais e a que exerce

maior pressão sobre a cotidianidade dos indivíduos. Há uma burocracia que prescreve o emprego do tempo e proscree o que não se submete às suas prescrições, como assinala H.Lefebvre (1).

Se consideramos o cotidiano como organização do dia-a-dia da vida individual dos homens, repetição de suas ações vitais fixadas na repetição diária, na distribuição do tempo em cada dia, ela é divisão do tempo e é ritmo em que se escoa a história individual de cada um. Ela tem sua própria experiência, a própria sabedoria, o próprio horizonte, as próprias previsões. (2). Atividade e modo de viver se transformam em subconsciente e inconsciente, irrefletido mecanismo de ação e de vida. “As coisas, os homens, os movimentos, as ações, os objetos circundantes, o mundo, não são intuídos na sua originalidade e autenticidade, não se examinam, nem se manifestam: simplesmente são; e como inventário, como partes de um mundo conhecido são aceitos. A cotidianidade se manifesta como a noite da desatenção, da mecanicidade e da instintividade, ou então como mundo da familiaridade. A cotidianidade é ao mesmo tempo um mundo cujas dimensões e possibilidades são calculadas de modo não proporcional às faculdades individuais ou às forças de cada um. Na cotidianidade tudo está ao alcance das mãos e as intenções de cada um são realizáveis. Por esta razão ela é o mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais” (3).

A vida cotidiana, pois, é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar nas horas certas, das conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, tomar café, fumar, almoçar, jantar, tomar cerveja, praticar o esporte de sempre, ler o jornal, sair para o papo de sempre ou ver televisão, etc. Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige que a consciência (4).

O processo de urbanização, cada vez mais rápido, acelera o ritmo da vida cotidiana. Participando dela com todas as suas capacidades, o homem se dispersa, não pode realizar nenhuma delas com intensidade bastante para romper com o cotidiano, com a singularidade, com a particularidade. Para Agnes Heller, “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos da

sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade” (5).

A imediatividade e o pensamento manipulador estão entre as características da vida cotidiana, o útil é o verdadeiro em razão do critério de eficácia: o critério de validade é o da funcionalidade. É uma esfera precisa, a do homem concreto. No cotidiano a objetivação que se verifica é a que permite ao homem fazer do mundo o seu meio ambiente. “A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracteriza a reprodução dos homens singulares que, por seu turno, criam a possibilidade da reprodução social” (6), ou seja, o indivíduo se reproduz enquanto indivíduo e reproduz o complexo social. Aprender a reproduzir relações sociais é atividade cotidiana do homem e instrumento indispensável à sua sobrevivência.

Não sendo o homem só sobrevivência, a grande questão passa a ser a passagem do inteiro para inteiramente homem, o que requer a suspensão da cotidianidade, do singular, do imediato. Para Agnes Heller, “as formas de elevação e objetivações duradouras são a arte e a ciência” (7). A reapropriação do ser genérico é mais profunda e a percepção do cotidiano se enriquece à medida que tais suspensões se tornam mais frequentes. A plenitude obtida na suspensão do cotidiano permite ganhos de consciência e possibilidade de transformação do cotidiano singular e coletivo.

Se a suspensão do cotidiano é uma possibilidade real e podemos localizar nela o ponto de tensão entre conservação e mudança, é em torno dela que se travam os grandes embates e as disputas pelo seu controle por parte do Estado e da produção capitalista de bens de consumo. Trava-se uma verdadeira batalha entre os setores dominantes para administrar o cotidiano da sociedade. Entre esses poderes, o Estado e os meios de comunicação ora são aliados, ora são conjunturalmente oponentes. Para Lefebvre, o papel do Estado como gestor da sociedade repousa sobre o cotidiano, tem por base a cotidianidade que ele gere das mais diversas formas indiretamente ou diretamente através

de leis, regulamentos, proibições, fiscalização, instituições jurídicas (aparelhos), orientação dos meios de comunicação, controle das informações, por exemplo. (8).

De um lado o Estado, de outro a produção capitalista de bens de consumo, aí incluída a dos bens simbólicos, ou a chamada indústria cultural, todos erigem como centro de atenção o cotidiano - uma base de rentabilidade econômica inesgotável - particularmente nas classes médias, instituídas como ponto de apoio e mediação. No mundo moderno, são elas que catalisam o processo gerenciador e controlador do Estado e da produção capitalista sobre o cotidiano da sociedade. Elas são as propagadoras que promovem a expansão e homogeneização de um modo de vida cotidiano.

Nesse sentido, diz Netto, “vista sob um certo ângulo, a vida cotidiana é em si um espaço modelado (...) para erigir o homem em robô: um robô capaz de um consumismo dócil e voraz, de eficiência produtiva e que abdicou de sua condição de sujeito, cidadão”(9)

Como diz Agnes Heller “a vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta a alienação(...).Na cotidianidade parece natural a desagregação, a separação de ser e essência. Na coexistência e sucessão heterogêneas das atividades cotidianas, não há por que revelar-se nenhuma individualidade unitária; o homem devorado por e em seus papéis pode orientar-se na cotidianidade através do simples cumprimento adequado desses papéis. A assimilação espontânea das normas consuetudinárias dominantes pode converter-se por si mesma em conformismo, na medida em que aquele que as assimila é um indivíduo sem núcleo; e a particularidade que aspira a uma vida boa “sem conflitos reforça ainda mais o conformismo com a sua fé”. Mas, a vida cotidiana não é de nenhum modo necessariamente alienada, embora se saiba que quanto maior for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade dada, tanto mais a vida cotidiana irradiará sua própria alienação para as demais esferas. A alienação não está em sua estrutura mas em determinadas circunstâncias sociais (10)

Entre as diferentes formas de consumo que regulam nossa vida diária, a distribuição fragmentária de nosso tempo, como já observamos - imposições que convergem das diferentes esferas e instâncias da organização social - está a dos meios de comunicação. Basta-nos, por ora, reter a intromissão do meio TV na organização de

nosso cotidiano através do velho recurso de contar histórias em pequenas dozes diárias, que a televisão brasileira tão bem aprendeu a produzir sob a forma do que conhecemos como telenovela, cuja duração se assenta numa forma peculiar de cotidiano.

Para que se possa conviver com dezenas de personagens e ler suas trajetórias de vida, seus problemas e entender suas ações com algum interesse é indispensável que eles nos pareçam reais. Um dos elementos fundamentais para que esse efeito se realize, está, a nosso ver, na estruturação do personagem a partir da instituição de um cotidiano que o prenda, que o ancore no espaço e no tempo. Tecido de reiterações e recorrências o cotidiano participa na construção da personagem marcando-o por hábitos rotineiros, cuja sucessão demarca sua individualidade, sua existência enquanto ser e lhe garante similitude com o real. Seu cotidiano individual é organizado também em função do cotidiano que se articula na trama geral da narrativa e da qual todos os personagens participam enquanto integrantes desse universo particular.

Há pois, o hábito cotidiano de assistir telenovelas e um cotidiano dentro da telenovela, que simula um paralelismo entre rotinas: a da realidade concreta dos espectadores e a da realidade representada dos personagens.

## **TELENOVELA OU MINISSÉRIE?**

Sem nos deter na discussão do formato da série *O fim do Mundo*, com seus trinta e cinco capítulos, se deve ser classificada como minissérie destinada ao horário das 22 horas da TV Globo, sem qualquer tipo de co-autoria do público - fechada, portanto - ou como telenovela, o que entendemos como uma designação genérica de um tipo específico de dramaturgia, como parece ter sido a opção da emissora, apesar de tamanho reduzido ela entrou no horário da telenovela (20h40) anunciada como uma super telenovela em 35 capítulos. Como esse horário tem particular interesse para nossas pesquisas, vamos tratá-la como uma telenovela que tem a particularidade acima especificada, ou seja, a de constituir-se de 35 capítulos ao invés dos já consagrados 180 e estar completamente acabada no momento de entrar no ar, ao contrário de estar sendo

escrita e sendo exibida quase simultaneamente. Reservamos essa discussão para um outro artigo.

No momento, centramos nossa atenção na construção, ruptura e reconstrução do cotidiano desse produto ficcional específico, começando por algumas considerações sobre a escolha temática do autor.

## **O TEMA**

No tema, identificamos dois aspectos que consideramos interessantes. O primeiro, seria propriamente a retomada de uma preocupação comum e propor uma visão do autor, Dias Gomes, sobre o fim do mundo, tantas vezes já anunciado, sempre esperado e insinuado pelo mundo moderno em constante equilíbrio instável, seja por guerras (Guerra Fria, Vietnã, do Golfo Pérsico, Bósnia, Iugoslávia), seja pelas grandes catástrofes (terremotos, furacões, inundações), seja pela ação da interferência irresponsável do homem no meio ambiente (que pode ir de vazamentos de usinas nucleares, efeito estufa à devastação de florestas e incêndios que desertificam grandes áreas de equilíbrio ambiental), seja com ameaças mais próximas de nós como as enchentes, incêndios, explosões, acidentes de grandes proporções, que disseminam o pânico e presentificam a idéia de um fim último e irremediável ora para o mundo, ora para populações, reafirmando a crença em profecias que pontificam o fim do mundo, apontam circunstâncias, apresentam indícios para sinais indicativos de como e quando deve acontecer, balizando o momento do temido e sempre adiado grande final.

Angústia para uns, motivo de descredito para outros, fonte de prestígio e lucro para outros tantos, o tema se pereniza atualizado constantemente. Justifica-se plenamente enquanto assunto palpitante e tema para minissérie ou telenovela, pois contém forte poder de catalisar a atenção do telespectador, independentemente da duração em capítulos. Afinal, uma visão do problema que pode ser lida como uma possibilidade real,

entre outras tantas, como mais uma previsão, centrada no como (modo). A capacidade criadora do autor aliada aos efeitos especiais propiciados pelos recursos técnicos da emissora constrói ficcionalmente um possível real.

A esse grande achado do ponto de vista temático corresponde outro do ponto de vista dos trinta e cinco capítulos, posto que o começo - anunciado no título - já resolve o problema do final da história: ela termina no lugar onde o autor resolve que é hora de o mundo acabar, sem grandes amarrações, sem ter que dar saltos no tempo, sem casamentos ou nascimentos, sem se preocupar em agradar expectativas criadas no percurso. É verdade que muitas situações se resolvem e muita concessão se faz antes que tudo se acabe.

## **COTIDIANO**

A cidade, que poderia se situar em qualquer lugar sem prejuízo para a verossimilhança, tem referências da realidade que a situam no interior do estado de São Paulo, nas adjacências de Ribeirão Preto, numa região próxima a Minas Gerais. Tais indicações nos são fornecidas no começo da história, quando um casal de pesquisadores, um espeleólogo e uma sexóloga, trafegando de jipe por uma grande estrada, avistam a placa indicando: em frente, Ribeirão Preto; à direita, Tabacópolis. Segue-se um comentário da mulher de que estão chegando: Tabacópolis existe. Assim, a placa é elemento bastante para localizar a cidade, cujo nome se inscreve entre tantos outros existentes na região com o sufixo comum “polis”: Jardinópolis, Salesópolis, Miguelópolis, Junqueirópolis, Fernandópolis, Altinópolis. Nesta última, localiza-se uma gruta ou caverna, em busca do que está o espeleólogo, Michel. Em Tabacópolis existe uma gruta com estranhas formações, “estalagmites”, além de circularem crenças de que ela teria sido visitada por seres extra-terrestres, e produziria vibrações, emanações afrodisíacas, criando um clima de erotismo propício ao amor.

O ambiente de Tabacópolis - denominação relacionada com o cultivo do fumo na região (destinado às multinacionais do tabaco) e com a indústria de charutos - é de uma pequena cidade interiorana, vivendo do fumo e do turismo - atraído pela Gruta do Amor - , com feira na praça, escola de samba, inauguração de monumento, com discursos, etc.

Como qualquer cidade, tem suas instituições em funcionamento: administração municipal, poder judiciário, delegacia de polícia, hospitais (psiquiátrico e hospital com pronto socorro), banco, farmácia, pensão, hotel, boate, prostíbulo, igreja católica, jornal e, como já foi dito, a indústria de charutos - Socó S/A - Não faltam à cidade alguns confortos da vida moderna, como o telefone e a televisão, além de estarem presentes a droga e o crime.

Como todas as cidades têm seus tipos peculiares, Tabacópolis tem o seu Mudinho, que perambula pelas ruas e presta pequenos serviços como guia turístico. Do ponto de vista dos seres que habitam a cidade e região destacam-se a prefeita, Florisbela, cuja peculiaridade é ser austera, o grande produtor de fumo que é um velho coronel, Ildásio Junqueira, viúvo, prepotente, senil e preso a uma cadeira de rodas, em cuja casa moram: a nora, viúva de seu filho, três netos ( dois rapazes jovens - Josias e Maninho - e uma moça - Dalva) e o filho adotivo, médico (José Otávio), que trabalha no Pronto Socorro de Tabacópolis, o dono do jornal “A Tribuna de Tabacópolis”, Tônico Laranjeira, cujo objetivo é o lucro, seja com o comércio da notícia, seja com especulações oportunistas na Bolsa de Valores, seja no jogo propriamente dito. Sua aspiração ao poder inclui o casamento como elemento de prestígio: sua mulher, Gardênia, ex-miss Tabacópolis, é ainda objeto de desejo e cobiça entre os homens da cidade. O casal tem um relacionamento superficial, com freqüentes cenas de ciúme do marido, capaz de violência física quando alcoolizado, ou quando se exacerba sua insegurança com relação à mulher, que é mais um de seus objetos. O empresário (Socó S/A) e suplente de deputado federal, Sebastião Socó (Tião) é casado com a irmã de Gardênia, Margarida, e tem duas filhas: Letícia, uma jovem ativa e com idéias próprias, namorada de Josias e Maria do Socorro, que, mais jovem que Letícia, se veste e se comporta de modo estranho (usa roupas antigas, longas e esvoaçantes, uma espécie de chapeuzinho, luvas e fica dias no telhado com seu pássaro negro), lembrando uma figura etérea, com uma aura de santidade que se junta ao hábito insistente de freqüentar a igreja. O relacionamento de Tião com a família é precário não tem qualquer autoridade sobre as filhas e teria uma coexistência apenas pacífica com a mulher, não fossem as constantes cobranças que recebe dela pelas prolongas ausências e por ter mais interesse pelos negócios do que por

ela ou pelas filhas. O pároco da igreja local, frei Eusébio, luta contra a falta de dinheiro (a igreja foi reformada mas não tem ainda um sino), com as beatas que exigem rezas e ofícios o tempo todo. Jovem, bonito e negro, luta ainda contra as tentações da vida mundana e pela reafirmação de sua vocação religiosa. O delegado, Galvão, homem de prole numerosa, esforça-se por dar conta de manter a ordem na cidade, investigar crimes e agüentar as ordens da delegada e as manipulações a que é submetido pelos poderosos da cidade, em particular pelo velho coronel. É trabalhador, responsável, pobre e íntegro, dentro dos limites do possível e da falta de condições para se impor como autoridade, decorrente também da condição de indigência da polícia.

Outro elemento que tipifica Tabacópolis como pequena cidade interiorana é a presença de duas irmãs solteiras que se dedicam a zelar pela moral e os bons costumes. As irmãs Badaró, como são conhecidas - um exemplo de decência - dizem-se representantes da “Liga de Decência de Tabacópolis” e levam a sério a função bisbilhotando a vida de todos. Vivem juntas, vestem-se igual - mudando apenas a cor da roupa - não dispensam um chapeuzinho e ficam escandalizadas com qualquer coisa.

No hospital psiquiátrico conflitam duas tendências entre os diretores: um segue a linha tradicional que vê o paciente como louco, agressivo, incapaz, que deve ser excluído do convívio social e cuja linha terapêutica é a da camisa de força e reclusão, enquanto o outro, Dr. Pestana - pouco considerado - encara a questão como diferença, ou seja, “louco” seria o indivíduo que não comunga com os valores em vigor na sociedade, não reconhece as instituições prescritoras das normas e nem, portanto, essas normas: ele seria apenas um dissidente. Assim, não haveria motivo para segregação e a sociedade deveria conviver com o diferente.

As instituições funcionam, a produção de tabaco e charutos gera empregos, o empresário Tião Socó derruba uma mata para ampliar sua plantação provocando manifestações de protesto do movimento ecológico, recebe ameaças e intimidações concretas por parte dos antitabagistas: um incêndio nas dependências da indústria é atribuído a eles, quando pode ser uma reação dos compradores de fumo estrangeiros (gringos) que não admitem concorrência na transformação da matéria prima. Como se sabe, Tião mantém uma plantação de fumo para uso na sua fábrica, o que contraria

frontalmente os interesses desses compradores que detêm o monopólio da produção de cigarros.

Tião se compraz em enganar os “gringos” fabricando uma cigarrilha *Gardênia* que pretende distribuir para todo o país, enquanto se empenha no casamento de sua filha Letícia com Josias, neto do coronel, para ampliar suas terras, sua produção de fumo, sua fortuna e seu poder. No âmbito de suas atividades políticas, trama contra o deputado federal do qual é suplente enviando ao Congresso cartas anônimas denunciando-o por corrupção. Seu objetivo é que o deputado seja cassado e ele possa ocupar a sua vaga. Outra preocupação de Tião é vencer as resistências da cunhada Gardênia, por quem nutre antiga atração e que sem muita convicção - parece também se sentir atraída por ele - recusa-se a trair o marido e a irmã.

O coronel Ildásio vê também com simpatia o possível casamento entre as duas famílias, pelos mesmos motivos, inclusive por suas dúvidas com relação à capacidade de seu neto Josias, a quem passa a administração dos bens da família, para gerenciar competentemente os negócios. O filho adotivo, a neta e o neto Maninho estão excluídos por razões diversas, este último inclusive por ser um “boa vida” irresponsável e incoseqüente. A nora viúva apenas administra a casa e cultiva soturnamente a dor não superada da perda do marido.

A prefeita concentra suas energias na administração municipal, sem conseguir separar muito seus papéis sociais. No âmbito da casa e da família, reproduz seu papel de executiva, dando pouco ou quase nenhum espaço para o marido (que ocupa uma secretaria na prefeitura - um traço evidente de nepotismo), para os filhos, Fabiana e Nado, e para a irmã, Elisa, com distúrbio de comportamento (calada, não sai de casa, vê as pessoas sob nuvem de poeira, tem mania de limpeza e consome seu tempo diante da TV). Considera o marido um incapaz, tenta uma aproximação mal sucedida com o filho dependente de droga, com ares de rebeldia (um dos músicos da boate) e namorado de Lucilene, operária da fábrica de charutos e cantora da boate. Ela se relaciona melhor com a filha, fotógrafa da Tribuna de Tabacópolis, sensível e de temperamento dócil, que é capaz de amar todos os membros da família, e compreender seus problemas.

Na prefeitura, ela luta com os problemas de verba (para o hospital, limpeza pública, segurança) decorrente inclusive da falta de pagamento de impostos (o jornal, *A Tribuna de Tabacópolis*, de Tônico, tem um grande débito com a prefeitura). O turismo, parece ser a principal fonte de renda e a divulgação de Tabacópolis pela imprensa é bem vista, já que propicia aumento do turismo e da receita. A vinda do pesquisador, Dr. Michel Renault, apresenta grande interesse: valorização da cidade, notoriedade para a Gruta do Amor e, se comprovada a passagem de seres extra-terrestres pela caverna, projeção internacional para a cidade, incremento do turismo e muito dinheiro para os cofres públicos. Essa preocupação leva a prefeita a convocar a seu gabinete o espeleólogo para propor que ele confirme a história dos extra-terrestres, o que causa espanto e provoca a indignação do cientista.

Se do ponto administrativo e das relações familiares dos protagonistas a história se delinea a partir de um cotidiano similar ao cotidiano de tantas cidades do estado e do país, no tocante aos jovens também se reproduz uma certa predominância de relações conflitivas ou de desconsideração destes em relação aos pais, mantendo uma atitude de independência no que diz respeito às normas prescritas e à vida amorosa.

Josias, noivo de Letícia, gasta seu tempo em assediá-la querendo antecipar o que ela reserva para o casamento, pois está determinada a casar-se virgem, ou promovendo grandes farras no prostíbulo ou na boate com o irmão Maninho que, por sua vez, assedia sexualmente a cantora Lucilene, provocando atritos com Nado, seu namorado. Menos duro e cínico que Josias, vive, como aquele, confiante na impunidade que lhe garante o poder e a fortuna do avô. Acham-se donos de tudo e de todos. Maria do Socorro, de cujo comportamento estranho já falamos, alimenta uma paixão obsessiva e transgressora, na medida em que o objeto de seus desejo é o pároco da cidade: padre e negro. Isso explica de certo modo seu comportamento de beata casta, incompatível com a naturalidade com que a jovem independente encara os problemas do amor e da vida. Filhas de pai abastado, de quem conhecem o caráter e a quem não respeitam e de uma mãe que é pouco mais do que simples administradora da casa, nem ela nem Letícia tem qualquer preocupação além das restritas à sua vida sentimental.

A situação dos jovens que trabalham é outra. Lucilene, moça pobre, sem família, vive num quarto de pensão, desdobra-se acumulando o trabalho de operária na Socó S/A durante o dia e à noite de cantora da boate local. Altiva, veste-se como um garoto. Usa uma boina que lhe dá um certo ar de guerrilheira. Na boate, transforma-se numa loura provocante de voz aveludada. Fiel ao namorado, censura o consumo de droga por Nado, mas lhe é solidária a ponto de levar-lhe droga quando está foragido. Além de perseguida por Maninho, Lucilene também tem em Mudinho um apaixonado que a segue e a protege enquanto não vê uma possibilidade real de tê-la para si.

A filha da prefeita, Fabiana, exerce com seriedade seu trabalho no jornal, sabe se impor a insinuações do patrão e tem sempre uma atitude de bom senso em face dos problemas. É carinhosa com a tia, busca aproximar-se sempre, tenta conversar e até levá-la à igreja. Apaixona-se pelo médico José Otávio ao descobrir sua sensibilidade e dedicação profissional na luta diuturna que empreende para salvar seus pacientes em meio à falta total de condições de trabalho. Ele, por sua vez, está preso - pelas circunstâncias - à neta do coronel, com quem esperam (até por uma questão de gratidão, pois ele lhe custeou os estudos) que se case. Entre os jovens, há também um peão da fazenda do coronel Ildásio, Rosalvo, que se sente atraído e procura atrair a namorada de Josias, que é sério, competente, corajoso e não se intimida diante do poder do patrão.

Entre os poucos funcionários do jornal está um repórter que raramente aparece sóbrio e falta ao trabalho por causa dos frequentes “porres e ressacas”. Não se inclui entre os jovens, mas entre os tipos que compõem o cotidiano de Tabacópolis. A rotina da cidade se completa com os namorados visitando a Gruta e se amando, Joãzinho de Dagmar vivendo às voltas com suas mulheres, com a mãe Dagmar - casada com um impostor - com seu atendimento a filas de pessoas que vêm em consulta, com o atendimento diferenciado aos poderosos da cidade - principalmente quando se trata de mulheres bonitas e atraentes - e com suas visões e previsões.

Assim se sucedem os dias em Tabacópolis até que Joãzinho de Dagmar tem uma visão que prenuncia o fim do mundo. A informação se espalha. Entre o crédito de muitos e o descrédito de alguns, a inquietação se estabelece e os primeiros a tirarem proveito da situação são a *Tribuna de Tabacópolis* que aumenta suas tiragens com as notícias sobre o

assunto e o marido de mãe Dagmar que se assume como o intermediário na venda de terrenos no céu. Os lucros de ambos aumentam com os primeiros sinais indicadores da aproximação do fim, previsto para o final do ano. Entre eles, uma chuva de “bosta”, raios, trovões, sinos tocando, fenômenos estranhos acontecendo.

Com o aumento das evidências que confirmam as premonições de Joãozinho, as pessoas começam a se preocupar com seus desejos reprimidos e com impossibilidade de realizá-los em face de um fim iminente. Com o início da chuva, o sino inexistente da igreja tocando sem parar, a torre inclinada da igreja voltando para a posição normal, a certeza começa a tomar conta de todos. As beatas vão para a igreja em vigília permanente, Letícia resolve que não morrerá virgem e Socorro resolve que deve seduzir o padre. Enquanto prossegue a chuva inundando as plantações de fumo de Tião, Tônico compra ações da Socó S/A que estão em baixa, as irmãs Badoró se lamentam pela inutilidade de terem se conservado virgens.

Mas, aos poucos, o inusitado, o desconforto e a própria chuva acaba de certo modo sendo incorporados ao cotidiano e a população continua ou pelo menos tenta continuar suas atividades, inclusive quando as comunicações da cidade são interrompidas e os telefones emudecem. Tião considera-se destruído e na miséria já que Tônico é detentor da maioria das ações de sua indústria e a plantação de fumo foi destruída. Resta apenas a expectativa de ser deputado enquanto sonha com a cunhada Gardênia, solução proposta por Joãozinho de Dagmar para acabar com a impotência que o acometeu recentemente. Aliás, um problema não só seu, mas que também acabou atingindo outros homens de Tabacópolis, como o próprio Joãozinho.

Cabe aqui lembrar que Cacilda, a sexóloga, inspirada nos efeitos da Gruta do Amor, resolveu desenvolver uma pesquisa sobre o comportamento sexual dos habitantes da cidade, encheu-se de entusiasmo por Joãozinho e, vítima da impotência que o acometeu no primeiro encontro dos dois, foi a primeira a suspeitar de uma possível relação entre o hábito de fumar as cigarrilhas Gardênia e a impotência. Enviou amostras para um laboratório e o exame comprovou um agente inibidor da potência masculina no fumo usado na produção das cigarrilhas.

## **RUPTURA**

No sétimo dia de chuva, a cidade chega ao caos total: inundações, trovões, relâmpagos, tremores de terra, desabamentos, barulho de repicar incessante de sinos . As pessoas entram em pânico e estranhos fenômenos se verificam: Mudinho, vendo o que parece ser uma mula sem cabeça, recupera a fala, o coronel sente-se revitalizado, põe-se a andar e ordena que o levem para o bordel, onde quer passar seus últimos momentos, Letícia, que decidiu não morrer virgem sai a procura de Josias, que não está em casa e vai encontrá-lo, levada por Rosalvo, embriagado e cercado de mulheres na boate. Decepção e determinação associam-se para que ela se ofereça ao peão, por quem, afinal, sempre se sentiu atraída. Maria do Socorro, sai de casa disposta a viver o seu final na igreja, sob a proteção de frei Eusébio, por quem está apaixonada, disposta a seduzi-lo e realizar seu sonho de amor. Enquanto as beatas prosseguem em sua vigília de orações, ele vai levá-la para dormir na casa paroquial onde acaba vencido nas suas resistências - já minadas pelos acontecimentos dos últimos dias - e vive com ela momentos de intenso amor. Tônico, impulsionado por seu ceticismo pragmático resolve passar a noite jogando e bebendo em busca de lucro fácil, visto que a confusão instaurada não favoreceria a atenção dos parceiros. Gardênia, sentindo-se sozinha, vai buscar proteção na casa da irmã Margarida e do cunhado, oferecendo desse modo a oportunidade que Tião tanto esperava: ele põe a mulher para dormir e vai para o quarto de Gardênia com jogos sedutores, aos quais ela resiste ou simula resistir, culminando com a violência caracterizadora do estupro.

Na boate, Maninho (neto do coronel) intensifica o seu assédio a Lucilene. Diante da insistência e do caos reinante em toda a cidade, ela aceita que ele a leve para casa pensando poder mantê-lo à distância como de hábito, mas dessa vez ele resolve usar a força para entrar no seu quarto e é surpreendido por Nado que está armado. Segue-se uma luta corporal e um disparo da arma atinge Maninho. Lucilene e Nado escondem o corpo sob a cama e se entregam ao amor, certos de que o mundo vai se acabar e com ele os problemas.

A irmã da prefeita, Elisa, portadora de problemas psíquicos, não suporta pressão dos acontecimentos. Tenta o suicídio. É socorrida pela sobrinha que vai encontrar o

Pronto Socorro lotado e o médico sozinho tentando desesperadamente, sem material, sem leitos, sem equipamentos, sem auxiliares e sem medicamentos, acudir os pacientes que não param de afluir. Sensibilizada e preocupada com o estado da tia, Fabiana passa a noite auxiliando o médico. Elisa se recupera e da solidariedade surge a descoberta de um mútuo interesse entre Fabiana e José Otávio. Na delegacia inundada não há mais condições de permanência e o delegado Galvão resolve libertar todos os presos. O mesmo ocorre no hospital psiquiátrico. Todos os internos se vêm, de repente, na rua sem saber para onde ir. Emiliano vai parar na casa da primas, as irmãs Badoró, que indecisas a princípio, resolvem abrigá-lo. Sua esquizofrenia se manifesta sob a forma de uma profunda carência afetiva e conseqüente comportamento infantil que o autorizam a dormir na mesma cama que as primas. Estas, por sua vez, cedem às “puerilidades” do primo de que irá resultar uma dupla gravidez. Enquanto isso Florisbela, a prefeita, ouve o marido confessar, numa crise de consciência, os casos amorosos que teve com todas as amigas da mulher. Reage à revelação espancando-o e expulsando-o de casa. Seu mundo de confiança se acaba simultaneamente com o final do mundo que se insinua lá fora.

Nesta parte que é , do ponto de vista da narrativa, o ápice vemos o caos do meio ambiente contaminar progressivamente o ambiente social. O individualismo, apenas disfarçado na vida cotidiana da cidade, irrompe com força ao se romperem os fios que atam cada indivíduo ao grupo. Livres da coerção repressiva explodem as paixões liberando os desejos represados que serão plenamente satisfeitos na festa que o caos instaurou. O espaço entre a espera e o fim é o da subversão, da quebra de normas, regras e protocolos. Cada um busca tirar o máximo de proveito da situação e o que predomina é a liberação do próprio corpo. De um modo geral o que prevalece é a supressão da repressão sexual e a festa é a festa do corpo, uma grande orgia, uma busca desesperada de prazer, mais prazeroso porque subvertendo, transgredindo: brincadeira, briga, morte e violência têm o sexo como causa ou conseqüência. Ele é a motivação que rege os comportamentos individuais e homogeneiza as diferenças apontando para um comportamento que se torna coletivo.

Dias Gomes, guardadas as especificidades, imprimiu a sua obra algumas características que se aproximam das identificadas por Bakhtin (11 ) na obra de Rabelais

e presentes no conceito de carnavalização aplicado no seu estudo sobre o autor. Entre elas destacamos a questão da exploração do baixo ventre (sexo e chuva de bosta), da dessacralização (padre, igreja), da subversão de valores (conceito de loucura, libertação de presos e loucos), da quebra de tabus (como o da virgindade), por exemplo. A ordem suspensa temporariamente libera para o gozo e a irreverência. Por brincadeira ou por recalque, o repórter da Tribuna de Tabacópolis vai divertir-se na boate travestido de mulher, o que aponta, a nosso ver, para mais uma característica implícita no conceito de carnavalização que pode ser o disfarce e a fantasia ou a liberação de um desejo homossexual reprimido. Poderíamos entender também como quebra de hierarquia a relação (sexual inclusive) entre o branco (louro e rico) e o negro (padre e pobre).

Bakhtin distingue a festa oficial da festa popular na Idade Média: “A festa oficial, às vezes mesmo contra suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes. A festa era o triunfo da verdade, da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante que assumia o tom de uma verdade eterna, imutável e peremptória (...). Ao contrário, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante, e o do regime vigente, de abolição temporária de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perturbação, a todo aperfeiçoamento, regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto”(12). No carnaval, ao contrário da festa oficial que consagrava a desigualdade, todos eram iguais, reinando uma forma especial de contato livre e familiar entre os indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar.

Embora não se trate do conceito de festa do povo na praça (e nem seria possível, com a cidade desabando) e, no caso específico da obra de Dias Gomes, prevaleça o individualismo burguês, há um substrato universalizante unindo indivíduos, mesmo separados fisicamente. Esse substrato é a precariedade universal da humanidade comum diante da ameaça de sua extinção. Um medo que os iguala e que, diferentemente das grandes manifestações públicas coletivas da Idade Média, vai se manifestar nas condições

históricas do mundo contemporâneo dentro dos limites das possibilidades deixadas ao indivíduo no contexto do sistema capitalista: um coro composto pelo conjunto de vozes isoladas comemorando a vida que ainda pulsa forte e que pode fecundar o futuro do que sobrar do fim.

O que entrevemos em *O Fim do Mundo* é o desafio e o escárnio dos que respondem com a festa ao pânico e ao terror apostando num possível renascimento.

## **RESCALDO**

Para espanto de todos, cessa a chuva e amanhece um lindo dia de sol. O mundo não terminou e todos terão que resolver os problemas criados na expectativa de não ter de responder por eles. A cidade deve ser reconstruída. As conseqüências dos desvarios devem ser assumidas. Ficam como saldo um morto, cujo corpo tem que ser eliminado, presos para serem recapturados, loucos para serem reinternados, um noivo traído que vai, com jagunços, lavar sua honra, castrando o suposto responsável pela traição, duas celibatárias constrangidas com sintomáticos enjôos, um padre a se debater no conflito de não poder conciliar sua vocação religiosa com o seu amor por uma mulher, que por sua vez, sendo filha do empresário e quase deputado Tião Socó, tem que lutar em duas frentes: numa para que o pai aceite seu casamento com um homem que é ao mesmo tempo negro e padre; noutra para convencer o homem amado que a melhor escolha é abandonar a igreja e casar-se com ela, que colhe ainda do fim do mundo o fruto de uma gravidez. Letícia, sua irmã, também tem que enfrentar o pai, ainda ressentido com o noivado desfeito, porque quer se casar com o peão Rosalvo, de quem está apaixonada e grávida.

A mulher de Tião, Margarida, descobre a traição do marido com a irmã e vai se vingar tentando conquistar o cunhado Tônico. Gardênia, para se vingar de Tião, assume a direção da Socó S/A e proíbe a fabricação da cigarrilha enquanto ele aceita todas as imposições e humilhações para estar perto dela e continuar nas suas investidas. O sogro de Joãozinho tem que fugir da cidade para não devolver o dinheiro aos compradores de

lotes no céu que querem linchá-lo, o coronel volta para a cadeira de rodas e sua saúde piora consideravelmente.

O filho da prefeita, Nado, é denunciado por Mudinho como o autor do assassinato de Maninho e é preso enquanto aguarda julgamento. O marido expulso de casa e demitido do seu cargo de secretário de obras, denuncia-a por corrupção no acordo com estrangeiros para a construção de um motel na Gruta do Amor, com ampla divulgação na *Tribuna de Tabacópolis*. Em represália, ela ameaça o jornal com a cobrança de todos os impostos atrasados, mas Tônico já dispõe do dinheiro (ganho no jogo) para saldar o débito do jornal. Joãozinho, para não ser preso pelos danos que causou à população refugia-se na casa de Tião Socó. Contra ele pesa também a ira de suas três mulheres que descobriram o seu caso com a sexóloga - cujo marido já havia terminado as pesquisas e ido embora sozinho.

Emiliano, o louco, se vê responsabilizado pela gravidez das irmãs Badaró, não pode nem entende porque teria se casar com as duas ou com uma delas e atribui a culpa da situação aos “homenzinhos verdes” que não param de perseguí-lo. Sem entender o que se passa prefere voltar para a Clínica Psiquiátrica onde sente-se mais seguro. Elisa, irmã da prefeita, em tratamento com Dr. Pestana (não existem loucos, mas apenas dissidentes), começa a sair com ele e aos poucos vai readquirindo a alegria e a vontade de viver. Essa relação, benéfica para os dois, é cheia de beleza e poesia. José Otávio termina o namoro com a neta do coronel, conseguindo com isso desagradar toda a família e provocar a indignação de seu protetor.

## **RECONSTRUÇÃO**

Aos poucos uma nova ordem se impõe ao cotidiano da cidade. Os abalos por que passou sua população vai gradualmente sendo assimilado e as normas anteriores retornam sem mudanças substanciais. Como todos foram envolvidos sem ninguém que

saísse ileso para denunciar as violações, o melhor é passar por cima de tudo, reparar da melhor forma os estragos e esquecer. O clima é de cumplicidade e conciliação.

As irmãs Badaró disfarçam como podem suas barrigas proeminentes, Tião e Tônico com as respectivas mulheres resolvem por manter as aparências e curtir com discrição o adultério. Florisbela reconcilia-se com o marido e o reconduz ao cargo de secretário, Nado vai a julgamento e é absolvido da acusação de homicídio por falta de provas, após a desqualificação de Mudinho como testemunha de acusação, Rosalvo, salvo por José Otávio e pelos poderes de Joazinho de Dagmar, recupera-se totalmente da quase mutilação total de que foi vítima e tem o consentimento de Tião para casar-se com Letícia.

Morre o velho coronel, tendo antes confessado à prefeita ser o responsável verdadeiro pelo suicídio do filho a quem mentiu dizendo que ela, Florisbela, sua paixão tinha se casado com outro. José Otávio, liberto dos compromissos com o coronel está livre para namorar Fabiana. Joãozinho de Dagmar consegue livrar-se das acusações que recaem sobre ele, provando ao juiz seus poderes de paranormal e obtém o perdão das mulheres que concordam em dividi-lo com uma quarta, Dra. Cacilda, a sexóloga. Padre Eusébio está de partida, sendo transferido para uma distante paróquia, quando Socorro, abandonando a família, vai ao seu encontro e segue com ele.

## **O FIM DO MUNDO**

Informado da cassação do deputado por ele denunciado, Tião Socó organiza uma grande festa para comemorar sua investidura como deputado federal, oportunidade em que também anuncia o noivado da filha Letícia com Rosalvo e comunica sua intenção de transformar o peão em seu secretário em Brasília. Nado, recuperado das últimas loucuras, é um dos músicos da orquestra, que tem como cantora Lucilene. Toda a sociedade tabacopolense está presente. É também uma espécie de comemoração por terem sobrevivido a mais uma previsão não cumprida do fim do mundo. A festa vai alta. Celebra-se a reconciliação, o esquecimento e o restabelecimento da ordem anterior, quando uma chuva de meteoritos, que a princípio parecia mais um requinte preparado para surpreender os convidados, amplia-se provando explosões que acabam destruindo o

planeta. É o fim do mundo. Era só uma questão de tempo. A previsão se cumpriu. Agora, sem o terror e o pânico do ensaio geral.

## **CONCLUSÃO**

Do ponto de vista da história como um todo, não há uma verdadeira ruptura no sentido de uma revolução, de mudanças substanciais: há apenas um abalo que modifica temporariamente os comportamentos e uma reacomodação para que a antiga ordem volte a reinar soberana.

## **FICÇÃO E REALIDADE**

A interação entre a ficção e realidade se realiza de diferentes formas e em diferentes níveis. Dentro dos limites da própria ficção, estão aspectos da realidade recriados parodicamente como forma de denúncia e crítica. As instituições e seu funcionamento precário: administração pública, segurança, justiça, saúde, imprensa, política são elementos postos em destaque. Como eles existem na realidade do nosso cotidiano social e constituem temas permanentes dos telejornais e, por extensão, de todo o noticiário nacional como um todo, estabelece-se um intenso diálogo envolvendo esses espaços aparentemente distintos. Aparentemente, em razão do tratamento peculiar de cada um, mas não dos temas postos em circulação, do debate suscitado e das denúncias. O fim do mundo, afinal, é, na obra de Dias Gomes, a nossa sociedade que ele nos mostra sintetizada no espelho ficcional.

Nosso cotidiano resulta dessa dialética entre ficção e realidade. Os diferentes segmentos sociais e cada indivíduo em particular promovem a sua própria síntese que tenderá a ser dotada de maior ou menor grau de clareza ideológica (consciência crítica/alienação) em razão de sua condição particular e da qualidade dos produtos culturais que consomem, sejam eles ficcionais ou não.

Do ponto de vista do consumo, a TV e a telenovela interferem na distribuição do tempo, na sua organização e transformam o lazer (tempo livre) em tempo imposto. Tudo,

alimenta a interação social que se estabelece na vida cotidiana, que se processa pela linguagem tecendo as conversas informais, que por sua vez são alimentadas pelos meios de comunicação com o noticiário e com a telenovela, principalmente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- (1) LEVY, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo, Ática, 1991.
- (2) KOSIK, K. Dialética do concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969, pp.69-70
- (3) Idem.
- (4) NETTO, J.P. & FALCÃO, M.C. - Cotidiano: conhecimento e crítica. São Paulo, Cortez, 1989, p.22.
- (5) HELLER, A - O cotidiano e a história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p.17.
- (6) NETTO, J. P. & FALCÃO, M.C., obra citada, p.25.
- (7) HELLER, A , obra citada, p.26.
- (8) LEFEBVRE, H., obra citada, pp.116-22.
- (9) NETTO, J.P. & FALCÃO, M.C., obra citada, p.19.
- (10) HELLER, A , apud NETTO, J.P. & FALCÃO, M.C., obra citada, p.27.
- (11) HELLER, A , obra citada, pp.37-38
- (12) BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo, Hucitec, 1993.
- (13) Idem.